

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quamaleara

DATA: 26/07/1964 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Explicando o Museu do Rio aos italianos.

ASSUNTO: Iron e a Bienal de Veneza.

2 Cultura

26 julho 1964

COF

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURICIO

Explicando o Museu do Rio aos italianos

Embora propositadamente restrito à participação do Brasil na 13ª Trienal de Milão, cujo pavilhão, de Lúcio Costa, tivemos a honra de chefiar e explicar — (após o grande esforço de fazê-lo sair do Itamarati) aos milhares de visitantes italianos e europeus que diariamente percorrem a grande mostra, coube-nos também a difícil tarefa de apresentar, historiar e definir o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro na XXXII Bienal de Veneza, onde a instituição estruturada por Niomar Moniz Sodré Bittencourt encontrou um dos mais destacados lugares numa seleção mundial de 18 museus considerados por técnicos, críticos e experts europeus, como "os mais representativos da arte de hoje". Essa mostra, Arte de Hoje nos Museus, é um dos aspectos mais expressivos da bienal veneziana, talvez o único que encontrou aplauso geral. E na seleção dos 18 museus, apresentados por seus respectivos diretores, o Museu do Rio, como acervo, pode ser incluído entre os 10 primeiros. A seleção para Veneza foi feita pela própria Presidente de Honra do Museu dentro da linha solicitada pelos estudiosos que organizaram a exposição: arte de hoje, no sentido de obras criadas entre 1950 e 1964. Já sabemos quais os escolhidos: brasileiros Bandeira, Serpa e Mabe, estrangeiros Manessier, Soulages, Nay, Morandi, Sugay. A apresentação, história e definição de uma instituição tão ampla quanto flexível e polêmica nos foi pedida crimonosamente em apenas 40 linhas de 64 batidas. E é o que está lá pelos catálogos da Bienal, anotado e refletido. No Brasil, entretanto, não é ainda conhecido, razão pela qual vamos publicá-lo hoje pedindo uma certa compreensão para certos entusiasmos que talvez não correspondam ao período difícil que o museu está enfrentando nestes últimos tempos. A síntese é correta e a "filosofia" por assim dizer é a que assirilamos desde 1951 até os dias atuais. Se não está funcionando, "a todo o vapor" não significa que tenha morrido — está lá, tomando fôlego, para recomeçar mais tarde, amanhã talvez. Provisoriamente instalado em anexo ao edifício do Ministério da Educação, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro iniciou suas atividades em janeiro de 1952, num ritmo intenso de divulgação artística e recrutamento de sócios e recursos para sua própria subsistência e construção de sede própria. Dois anos depois — janeiro, 1954 — o presidente da República batia a primeira fundação da sede, em terreno resultante de atérro no centro da cidade, numa área de 40.000 m², seguindo projeto de Afonso E. Reidy — três grandes blocos intercomunicantes com 36.000 m²: Escola, Exposições, Teatro. Quatro anos mais tarde — janeiro 1958 — o Museu foi inaugurado incompleto embora, começando a funcionar no bloco da Escola, entre andaimes, oficinas e materiais, já com todas as fundações dos três blocos batidas e o segundo bloco, das exposições, em andamento. Com a mudança para a sede, as atividades do Museu ganharam novo alento e abrangeram novos setores, tornando-se o centro maior de atividades vanguardistas do país. Ao mesmo tempo em que se dava vigoroso incremento às atividades cinematográficas e se lançava as instalações e bases da Escola Técnica de Criação, nos moldes da Hochschule für Gestaltung, de Ulm, inaugurava um excepcional Atelier de Gravura, redobrava seu programa de exposições nacionais e internacionais, seminários, conferências, cursos — e lançava uma campanha entre poderes públicos e privados para conclusão da sede. Essa campanha, um pouco mais moderada por força dos acontecimentos que têm transformado a vida do

país, continua, e o segundo bloco já está praticamente concluído, bem como o paisagismo de Roberto Burle Marx.

Nestes 12 anos o Museu colecionou com critério a produção artística dos nossos dias, a arte de hoje, coerente com seu programa de centro de cultura viva; mostrou, ensinou a ver, atraiu o público e partiu à sua procura; provocou o intercâmbio nacional e internacional, entre artistas e críticos, educadores e estudiosos, profissionais; amadores e grande público; contribuiu para equacionamento dos problemas sociais, culturais, estéticos e técnicos da arte atual; aproximou o homem moderno da arte do seu tempo, ajudando-o a eliminar, através dela, o alheamento e a compartimentalização característicos da sociedade de nossos dias. Numa palavra: lutou e luta pela integração das várias formas de cultura em seu contexto espacial e temporal, tendo em vista uma totalidade nacional e humana. Influí diretamente na criação de formas na arte, na técnica e na indústria, bem como na abordagem das questões de percepção, criação e comunicação. Estimula o espírito de pesquisa no campo artístico, paralelamente aos estudos científicos e tecnológicos. Tal o papel, em particular, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: instituição vital numa sociedade, numa cultura em desenvolvimento e expansão, ocupa-se no momento à sua própria realização como organismo completo e eficiente, capaz de contínua auto-renovação, sem descurar das atividades que o definem".

Jayme Maurício

O "tour" das exposições

— Ainda não de todo reintegrado no movimento local, compreensivelmente melancólico e algo desapontado, voltamos ao dever de informar ao leitor desta coluna a respeito do que está acontecendo de bom e de mau pelas exposições do Rio e São Paulo.

— De início, recomendamos com insistência a grande mostra antológica de arte nipo-brasileira que o Museu de Arte Moderna do Rio está apresentando, seguindo uma sugestão que fizemos através de "Manchete", e ampliando a seleção para dar mais amplitude a uma arte que nos coloca frontalmente ao problema cultural da imigração, naturalização e assimilação do temperamento e da atmosfera brasileira.

— Outra recomendação é para uma visita à mostra individual de Gastão Manoel Henrique, na Petite Galerie, que infelizmente se encontra nos últimos dias. O jovem pintor amadurece o seu estilo denso, severo, carregado de força e expressão que o situa numa posição única na paisagem da pintura brasileira, como talvez o único que assimilou, como tantos no mundo inteiro, o esplêndido caminho apontado pelo catalão Antônio Tapies — Na Galeria Goeldi, Antônio Maia, que ainda não pudemos ver mas que é entusiasticamente recomendado por Harry Laus e Walmir Ayala; Na sala de Giovana Bonino, continua a mostra do gravador Karl-Heinz Hansen, que canta a Bahia por todos os cantos da Alemanha, gravando de memória do seu castelo na Baviera, até o exagero simpático de assinar Hansen-Bahia; Tiziana Bonazzola, (que boa notícia), expondo desenhos a Piccola Galeria, ao lado de gravuras de Dora Babilio, mostra que veremos no começo da semana. Para segunda-feira, 27, a pintura dramática de Diana Chalukian, na nova galeria de arte da Cássio Moniz, na rua Barata Ribeiro 200. Para o dia 29, quarta, referendada por Paschoal Carlos Magno e Augusto Rodrigues, dois capítulos da cultura nacional, salve, estreia a gouachista Regina Valer, discípula de Frank Scheaffer, na Galeria Alpendre, na Barata Ribeiro. Para o dia 4 de agosto, um grande leilão a prazo, na Petite, no Hotel Copacabana. E dia 5, na Relève, o realismo novo que o Jean trouxe de Paris.